

AGRO & ECOLOGIA

Nº 6 | ANO 4

**ECOPORÉ É VENCEDORA
DE PRÊMIO INTERNACIONAL**
e fortalece papel da Amazônia
na restauração ecológica global

UM RIO DE SABORES
Ecoporé executa projeto
internacional e lança livro
que integra ciência, cultura e
conhecimento das comunidades
ribeirinhas do Madeira

PLANTANDO ÁGUA COLHENDO VIDA

Experiências do Projeto Terra e Mata

Realização:

PROJETO
**TERRA
E MATA**


ecoporé

Apoio Financeiro:

FUNDO
SOCIOAMBIENTAL

CAIXA

AGRO & ECOLOGIA



Número 6 | Ano 4

Ano 2025

Tiragem: 1.000

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**CRÉDITOS**

Projeto Terra e Mata ®

Todos os direitos reservados
à Ação Ecológica Guaporé
Ecoporé®

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Juan Rodrigues

Mayara Velasco

TEXTO

Marcelo Ferronato

Mayara Velasco

Paulo Bonavigo

Joana Keila Gomes

Aline Smychniuk

Semírian Amoêdo

Romas Silva

Flávio Santos

Joshua Lacerda

Neiriel Terena

Adenilson Moraes

FOTOS

Acervo Ecoporé

ARTE E DIAGRAMAÇÃO:

Erick Carreira

REVISÃO

Marcelo Ferronato

SITES

terraemata.org.br

ecopore.org.br

REDES SOCIAIS

Facebook

Instagram

Linkedin

YouTube

@ecoporerrondonia

EDITORIAL

Bem-vindos à 6ª edição da revista "Agro & Ecologia"! Esta edição celebra a intersecção vital entre a agricultura familiar, os povos e comunidades tradicionais e a sustentabilidade, elementos cruciais para um futuro resiliente em meio à urgência climática e ambiental. Nosso objetivo é iluminar histórias, desafios e, principalmente, as soluções que emergem do campo, reafirmando a agroecologia como o caminho essencial.

Nas próximas páginas, explore as iniciativas concretas e inspiradoras de restauração ecológica. Destacamos com orgulho a Ecoporé, vencedora do RestorLife Awards 2025 na categoria sociedade civil, por seu trabalho que une a restauração de ecossistemas ao fortalecimento de comunidades locais. A abordagem integrada da Ecoporé combina agroecologia, produção de mudas e sementes nativas, educação ambiental, monitoramento de carbono e biodiversidade, e articulação de políticas públicas, em parceria com diversos atores do campo. Essa atuação demonstra que restaurar a floresta é também restaurar a vida e a dignidade humana. O Primeiro Encontro Indígena de Restauração Ecológica (EIRE) reforça o protagonismo indígena, lembrando-nos que a restauração da natureza começa com a restauração do "espírito e da mente".

A bioeconomia e a valorização dos saberes tradicionais impulsionam o desenvolvimento. Descubra exemplos notáveis de negócios da sociobiodiversidade em terras indígenas, como o Café Sarikab, o Mel Paiter e o artesanato da Soe Arte, que provam ser possível gerar renda significativa preservando a floresta e a cultura. As Redes de Sementes Nativas, como a RESEBA (Rede de Sementes da Bioeconomia Amazônica), são uma resposta concreta para a restauração de ecossistemas e o fortalecimento da

autonomia comunitária, beneficiando diretamente famílias, especialmente mulheres e jovens.

Não podemos ignorar os desafios impostos pelas mudanças climáticas, que afetam a vida das comunidades, como a queda na safra da castanha-da-Amazônia em 2025 e a escassez hídrica. Contudo, as comunidades rurais são inovadoras e resilientes. Projetos da Ecoporé ao longo da BR-429 em Rondônia ilustram essa capacidade de adaptação através da recuperação de nascentes, manejo sustentável do solo e a integração da juventude rural na restauração ecológica, transformando a paisagem recriando corredores ecológicos que conectam áreas florestadas, recuperando a biodiversidade Amazônica.

Acima de tudo, celebramos a conexão entre o conhecimento científico e a sabedoria ancestral. O lançamento do livro "Um Rio de Sabores", do projeto Forest Fisher, é um exemplo dessa união. Mais do que um registro técnico, é uma homenagem às mulheres ribeirinhas do rio Madeira, suas receitas e suas histórias, mostrando um diálogo respeitoso e enriquecedor entre ciência e saber tradicional.

Que esta 6ª edição da "Agro & Ecologia" seja uma fonte de inspiração, fortalecendo a convicção de que um futuro mais sustentável depende do reconhecimento e valorização das práticas e dos povos que cultivam a terra com sabedoria, respeito e amor. Convidamos você a explorar cada artigo e história, e a se sentir parte dessa rede de saberes que constrói, diariamente, um futuro mais verde e justo para todos.

Boa leitura!

Paulo Henrique Bonavigo
Diretor Executivo na Ecoporé

Aponte o smartphone
ou clique em cima:

PROJETO 
TERRA
E MATA



ecoporé



**CONSTRUA A PRÓXIMA EDIÇÃO DA
REVISTA AGRO & ECOLOGIA.**

Envie sua sugestão de pauta, sua
história ou artigo para:

COMUNICA@ECOPORE.ORG.BR

CONTEÚDO

SUMÁRIO

06 DO CORAÇÃO DA FLORESTA AO MUNDO:

Ecoporé é vencedora de prêmio internacional e fortalece papel da Amazônia na restauração ecológica global

10 OFICINA RESGATA HISTÓRIA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA E DO POVO PAITER SURUÍ

12 QUANDO A FLORESTA SILENCIA:

Efeitos dos eventos climáticos sobre a safra da castanha em 2025

15 REDES DE SEMENTES COMO ESTRATÉGIA DE JUSTIÇA CLIMÁTICA E INCLUSÃO SOCIOECONÔMICA

19 PLANTANDO ÁGUA, COLHENDO VIDA:

Experiências do Projeto Terra e Mata na BR-429

22 AUTONOMIA ENERGÉTICA E FONTES DE ENERGIAS RENOVÁVEIS EM PEQUENAS PROPRIEDADES COM APOIO DO PROJETO TERRA E MATA

25 RECONECTANDO A AMAZÔNIA:

O legado do Projeto Terra e Mata na formação de corredores ecológicos e conservação da biodiversidade

30 UM RIO DE SABORES:

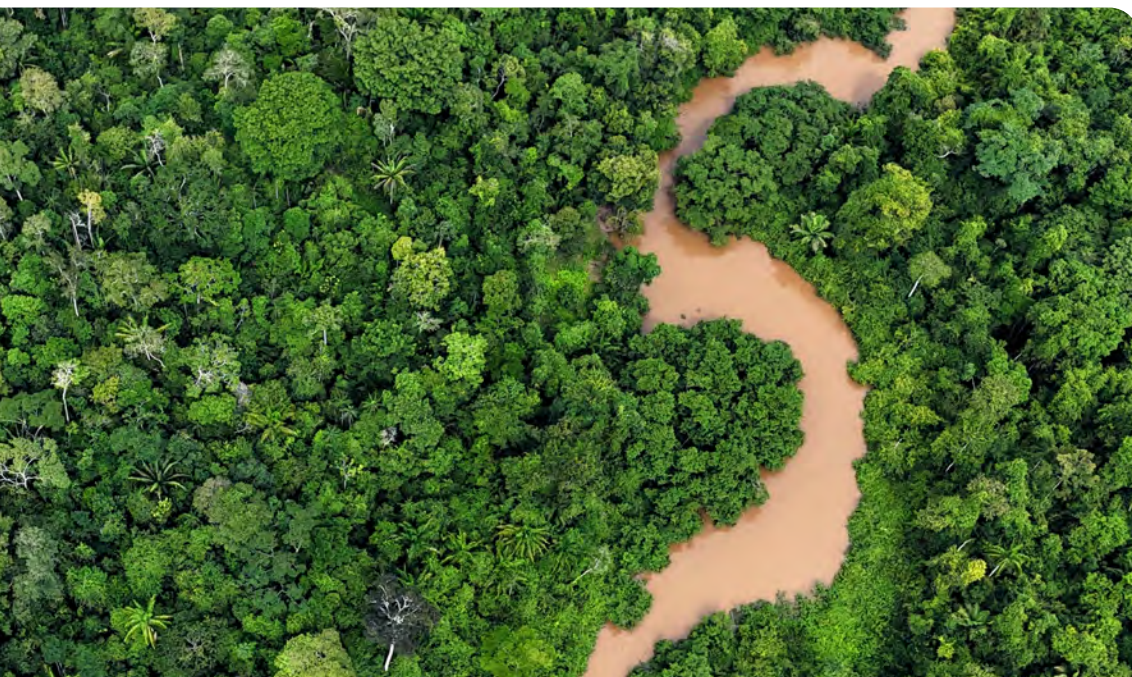
Ecoporé executa projeto internacional e lança livro que integra ciência, cultura e conhecimento das comunidades ribeirinhas do Madeira

34 GUARDIÕES DA TERRA:

Povos indígenas lideram a restauração ecológica no Brasil

37 NEGÓCIOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE EM TERRAS INDÍGENAS:

Experiências concretas de bioeconomia na Amazônia



Rio com mata ciliar na Amazônia.

Jatuarana assada
limão e tiras de banana frita.



Samily Waled Suruí
fundadora do Soe Art, Artesanato Indígena.

DO CORAÇÃO DA FLORESTA AO MUNDO:

**ECOPORÉ É VENCEDORA DE PRÊMIO
INTERNACIONAL E FORTALECE PAPEL
DA AMAZÔNIA NA RESTAURAÇÃO
ECOLÓGICA GLOBAL**

Organização rondoniense é reconhecida entre as principais iniciativas socioambientais do mundo por sua atuação com comunidades, reflorestamento e políticas públicas

Marcelo Ferronato • Mayara Velasco



Imagem aérea de uma nascente restaurada em propriedade rural em Novo Horizonte d'Oeste.

Foto: Acervo Ecoporé

Em um contexto de crescentes desafios ambientais e sociais na Amazônia, uma organização brasileira recebeu reconhecimento internacional. A Ecoporé foi a vencedora do **RestorLife Awards 2025** na categoria sociedade civil. A premiação é promovida pela plataforma suíça **Restor.eco**, em parceria com o **Laboratório Crowther**, do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (**ETH Zurich**), e a **Iniciativa Global de Terras do G20**.

A escolha se deu em função dos resultados alcançados por projetos que aliam restauração de ecossistemas ao fortalecimento de comunidades locais. Em sua primeira edição, o prêmio recebeu **1.127** inscrições de todos os continentes. A Ecoporé figurou entre as **16 finalistas** ao lado de organizações da Ásia, África, Oceania e América Latina e foi a única brasileira a conquistar o prêmio na categoria.

RAÍZES AMAZÔNICAS, ALCANCE GLOBAL

A Ecoporé foi fundada em **1988** e cerca de 17 anos de sua existência foram dedicados à **restauração ecológica** no Sudoeste da Amazônia. A Ecoporé atua de forma integrada, combinando agroecologia, produção de mudas e sementes nativas, educação ambiental, monitoramento de carbono e biodiversidade, além da articulação de políticas públicas. As ações são desenvolvidas em parceria com **agricultores familiares, povos indígenas, juventudes rurais, mulheres e instituições de ensino e pesquisa**.

"Estamos muito felizes e gratos a todas as pessoas que compartilham conosco o sentimento e a dedicação de restaurar áreas; comunidades indígenas, agricultores familiares e muitos parceiros que caminham conosco nessa trajetória", afirmou Marcelo Ferronato, diretor presidente da organização.

Foto: Vanessa Vasconcelos / Acervo Ecoporé



Criança indígena deitada sobre sementes.



PARCERIAS QUE TORNAM A RESTAURAÇÃO POSSÍVEL

A Ecoporé construiu, ao longo dos anos, uma rede de colaboração fundamental para a execução e ampliação de suas iniciativas. Entre os parceiros estão sindicatos, associações de produtores e cooperativas locais, como a Federação de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rondônia (**FETAGRO**), que colaboram na identificação de áreas e na promoção de sistemas agroflorestais de baixo carbono, associados à segurança alimentar.

Universidades e centros de pesquisa, como a Universidade Federal de Rondônia (**Unir**) e a **Embrapa Rondônia**, contribuem com apoio técnico e científico, ampliando a capacidade de atuação com base em evidências e soluções adaptadas ao bioma amazônico.

Órgãos ambientais e instituições públicas como **ICMBio**, **Funai**, **SEDAM**, **Emater Rondônia** também têm papel estratégico, tanto na articulação com comunidades quanto no suporte à implementação de políticas públicas e ações de campo.

A organização também conta com o apoio direto de financiadores como o **Fundo Socioambiental Caixa**, a **Petrobras**, a **The Caring Family Foundation** e o

Foto: Acervo Ecoporé



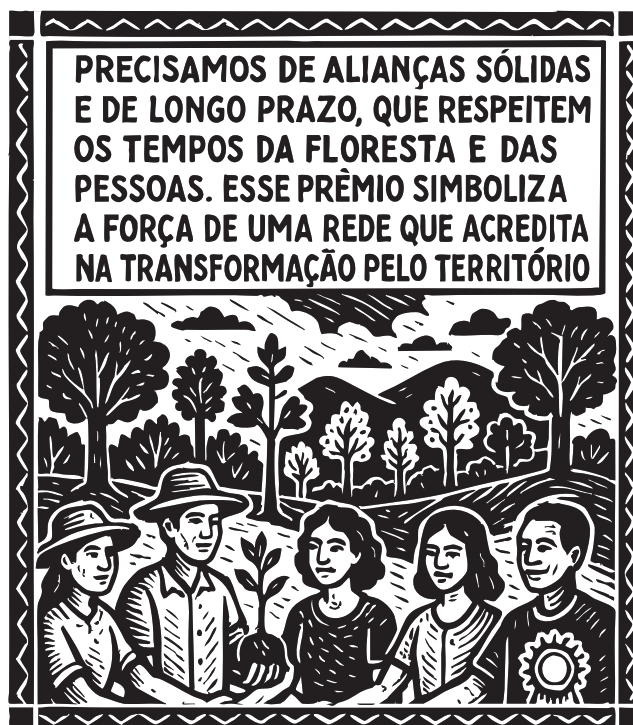
Mulher semeando em solo arado, com saco branco e chapéu.

Programa Paisagens Sustentáveis da Amazônia, executado pela **Conservação Internacional no Brasil**. Esses apoios viabilizam projetos como **Terra e Mata**, **Viveiro Cidadão e Regenera**, permitindo a expansão das ações e o fortalecimento territorial.

“Não se faz restauração em larga escala sozinho. Precisamos de alianças sólidas e de longo prazo, que respeitem os tempos da floresta e das pessoas. Esse prêmio simboliza a força de uma rede que acredita na transformação pelo território”, destaca Ferronato.

IMPACTO TERRITORIAL E SOCIAL

A atuação da Ecoporé já resultou na restauração de **mais de 3 mil hectares**, principalmente em áreas de preservação permanente, margens de rios e territórios protegidos. Foram produzidas e plantadas mais de **8 milhões de árvores**, com envolvimento direto de comunidades e instituições.



Entre as frentes de atuação da organização, destacam-se:

- **IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS COM FOCO EM PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL E GERAÇÃO DE RENDA**
- **CAPACITAÇÕES TÉCNICAS PARA AGRICULTORES E JOVENS DO CAMPO**
- **APOIO A MULHERES RURAIS NA GESTÃO DE QUINTAIS PRODUTIVOS E CADEIAS EXTRATIVISTAS**
- **EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS**
- **PARTICIPAÇÃO ATIVA EM FÓRUMS DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS À RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA**



Campo verde e plano com área florestal ao fundo.

Foto: Acervo Ecoporé



Foto: Juan Rodrigues / Acervo Ecoporé

“O verdadeiro impacto está nos vínculos criados com as comunidades. Jovens que decidem ficar no campo, mulheres que assumem o protagonismo produtivo, saberes tradicionais que são valorizados. É isso que sustenta a restauração no longo prazo”, complementa o presidente da Ecoporé.

RESTAURAÇÃO COMO RESPOSTA À CRISE CLIMÁTICA

A premiação internacional reforça o **papel estratégico da restauração ecológica** como resposta aos desafios ambientais globais. As organizações e empresas finalistas atuam em temas como reflorestamento, conservação da biodiversidade, recuperação de nascentes e fortalecimento das relações entre comunidades e paisagens.

Além da Ecoporé e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), a lista de finalistas inclui instituições como **Yaya-san Gambut (Indonésia)**, **Rainforest Rescue (Austrália)**, **LEAD Foundation (Tanzânia)** e **SayTrees (Índia)**. A diversidade geográfica reforça que a restauração é um esforço coletivo e global, com soluções moldadas às realidades locais.

“A Amazônia tem voz, tem potência e tem soluções reais para a crise do clima e da biodiversidade. Nosso trabalho é coletivo, enraizado no chão da floresta e guiado pela esperança”, afirma Ferronato.

A vitória no RestorLife Awards reforça o papel da Ecoporé como uma referência brasileira na agenda global de restauração ecológica. Um reconhecimento que nasce do território, da escuta e da prática diária, em diálogo com a floresta e suas populações.

“Sonhamos continuar restaurando áreas e promovendo todos os benefícios que a restauração traz ao ecossistema e às pessoas”, conclui.



Homem indígena, de cocar e camisa branca, com sementes vermelhas numa das mãos.

OFICINA RESGATA HISTÓRIA DA CASTANHA-DA-AMAZÔNIA E DO POVO PAITER SURUÍ

Iniciativa valoriza saberes tradicionais, promove a língua
Paiter e fortalece a cadeia produtiva da castanha

Mayara Velasco



Imagem fechada de ouriços de Castanha-da-Amazônia
sobre o solo úmido coberto de folhas.

Foto: Acervo Ecoporé

Valorizar os saberes locais é **preservar a memória** das comunidades e garantir um futuro enraizado nos territórios. Com esse propósito, o **Projeto Floresta+ Amazônia**, por meio da modalidade Comunidades, apoiou a realização da **1ª Oficina da História da Castanha-da-Amazônia e do Povo Paiter Suruí**, uma iniciativa que une tradição, produção e identidade.

Realizada com o apoio da organização **Ecoporé**, a oficina teve como objetivo principal fortalecer a cadeia produtiva da castanha-da-amazônia por meio do **resgate histórico**, da valorização do conhecimento tradicional e da troca de experiências sobre práticas de pré-coleta, coleta e pós-coleta. A atividade resultará na produção de um livro bilíngue, escrito em português e na **língua Paiter**.

A proposta partiu da própria comunidade, por meio da **Associação Gap Ey**, que viu na iniciativa uma oportunidade de fortalecer o uso da língua Paiter Suruí através da escrita. Apesar de ainda não normatizada oficialmente, a língua é um **instrumento fundamental** para o **registro e preservação dos conhecimentos ancestrais**, especialmente diante do risco de esquecimento entre as novas gerações.

A oficina contou com a participação ativa de mais de **30 integrantes** da comunidade, em sua maioria mulheres, que contribuíram com relatos, debates e reflexões. Jovens da aldeia também participaram, especialmente na **ilustração das histórias** que comporão o livro.

Entre os destaques do encontro estiveram os relatos de **Gakaman** e **Imakor**, os mais velhos conhecedores da comunidade. Gakaman, reconhecido por ter sido o primeiro Paiter a ter contato com não indígenas, compartilhou suas memórias em língua Paiter, com tradução feita por professores e anciãos.



Segundo o cacique e professor **Joaton Suruí**, o projeto trouxe ganhos importantes. *“Conseguimos aprimorar nosso trabalho no castanhal e adquirir ferramentas fundamentais para a coleta, como quadriciclos, canoa e barco”*, destacou.

SOBRE O PROJETO FLORESTA+AMAZÔNIA

Executado pelo **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)** em parceria com o **Ministério do Meio Ambiente (MMA)** e financiado pelo **Fundo Verde para o Clima (GCF, na sigla em inglês)**, o Projeto Floresta+ Amazônia tem como objetivo apoiar ações que promovam a conservação e recuperação da floresta, aliadas à valorização de saberes e práticas tradicionais.

O componente **Floresta+ Comunidades** visa fomentar projetos locais que fortaleçam a gestão ambiental e territorial dos povos indígenas e comunidades tradicionais. O Brasil foi o primeiro país a receber recursos do Fundo Verde para o Clima, uma iniciativa global composta por **194 países**, voltada ao enfrentamento das mudanças climáticas.



Imagem de sementes de castanha.



Foto: Acervo Ecoporé

QUANDO A FLORESTA SILENCIA:

**EFEITOS DOS EVENTOS CLIMÁTICOS SOBRE A
SAFRA DA CASTANHA EM 2025**

Joana Keila Gomes • Keli Réggias Dias • Edmar Aruá • Grazielly Neiriká Gomes Aruá • Leonardo Makurap
Maycon Akoyunny Aruá • Marcela Gereyka Aruá • Thiago Awelu Makurap • Weslen Zarawakat Firmino Aruá



Tronco robusto de uma castanheira, visto de baixo para cima, cercado por folhagem densa e verde.

Foto: Acervo Ecoporé

A **castanheira-da-amazônia** (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) é uma espécie de grande relevância ecológica, econômica e social. No contexto local, desempenha um papel fundamental como **fonte de alimento e renda** para diversas comunidades tradicionais da Amazônia, contribuindo diretamente para sua segurança alimentar e autonomia financeira. Em nível internacional, a espécie é reconhecida como um **símbolo da conservação da floresta em pé**, refletindo a importância de modelos de uso sustentável dos recursos naturais. Sua distribuição ocorre em praticamente toda a região amazônica, com destaque para o Brasil, que lidera a produção mundial da castanha-da-amazônia.

A coleta da castanha-da-amazônia ocorre, em sua grande maioria, em castanhais nativos e segue **práticas tradicionais de extrativismo**. Esse modelo de uso sustentável reforça a importância da conservação da floresta em pé, ao mesmo tempo em que valoriza o conhecimento e o trabalho das comunidades tradicionais que atuam diretamente na coleta dos frutos.

Apresenta variações naturais de produção entre anos, alternando períodos de safra alta, média e baixa - uma característica típica da espécie. Contudo, a intensificação e a maior frequência de **eventos climáticos extremos** têm alterado essa dinâmica, comprometendo a estabilidade dos ciclos produtivos e evidenciando a crescente vulnerabilidade dos sistemas extrativistas.

Essa instabilidade ficou particularmente evidente na safra de **2024-2025**, marcada por uma queda histórica na produção em toda a região amazônica. O principal fator foi a intensa seca associada ao fenômeno **El Niño** entre 2023 e 2024. Segundo o **Instituto Nacional de Meteorologia**, esse evento causou diversos impactos climáticos no país, sendo que na região Norte os índices de precipitação atingiram os níveis mais baixos em décadas.

A estiagem prolongada desencadeou efeitos em cadeia sobre o ciclo reprodutivo da castanheira. Pesquisadores da **Embrapa** destacaram uma série de fatores que influenciaram diretamente a queda da produção, entre eles: o **déficit hídrico, temperaturas acima do normal durante a floração, queimadas e radiação**. O estresse hídrico e térmico afetou o florescimento e a maturação dos frutos, enquanto a redução das populações de polinizadores, intensificada pelo calor e pela seca, dificultou a fecundação das flores. Além disso, a intensificação das queimadas e o aumento da radiação solar impactaram negativamente a **fotossíntese** e a **qualidade dos frutos**.

Nesse contexto, os efeitos de eventos climáticos extremos se consolidam como uma ameaça real à continuidade da atividade extrativista. Pesquisas recentes demonstram que fenômenos como o El Niño, somados ao aumento das temperaturas e à **redução das chuvas**, comprometem a frutificação das castanheiras, diminuem as áreas aptas ao manejo e colocam em risco a segurança alimentar e a renda das comunidades que dependem dessa cadeia (Evangelista-Vale et al., 2021; Pastana et al., 2021; Brandão et al., 2023).

Em Rondônia, a crise na produção de castanha não foi exceção. Povos indígenas e comunidades tradicionais relataram perdas severas. Em muitos casos, a safra simplesmente não ocorreu. Com a escassez do produto, o valor do latão - medida comum entre os extrativistas, equivalente a cerca de **12 kg** - chegou a alcançar **R\$ 240,00** em algumas regiões. No entanto, mesmo com a alta valorização, a ausência de castanha inviabilizou as vendas e impediu que as famílias acessem uma renda complementar essencial. Na **Reserva Extrativista Rio Cautário**, uma família compartilhou que, em anos anteriores, seu castanhal produzia em média **240 latões por ano/safra**. Neste ano, a produção despencou para apenas 14 latas, utilizadas exclusivamente para o consumo doméstico.

O impacto é profundo e seus efeitos ainda estão sendo dimensionados

Um cenário semelhante foi identificado durante o segundo ciclo do monitoramento participativo da produção de frutos de castanha na **Terra Indígena Rio Branco**. Os dados impressionam em comparação ao ano anterior:

Redução de **86,4%**
na média de ouriços
por árvore

O que já se pode afirmar é que a **renda e a dinâmica econômica local foram fortemente comprometidas**.



Queda de **82,4%**
na produção total
de frutos



Diminuição de **89,1%**
no volume
comercializado

O colapso produtivo registrado em **2024–2025** evidencia como as **alterações climáticas extremas** comprometem não apenas a renda familiar de centenas de castanheiros e castanheiras, mas a própria funcionalidade ecológica dos castanhais na Amazônia.

As consequências desses impactos vão além do campo econômico. A perda acentuada de frutos compromete práticas socioculturais profundamente enraizadas e interrompe ciclos intergeracionais de manejo e de saberes. Ao não colher, a comunidade não apenas deixa de vender; ela deixa de partilhar, de ensinar, de circular pela floresta e de renovar sua presença no território. Se trata de uma **erosão silenciosa**, mas persistente, da autonomia e do pertencimento territorial.

Diante desse cenário, a castanheira-da-amazônia não deve ser vista apenas como um indicador biológico de desequilíbrio ambiental. Ela representa um **elo vital** entre sociedade e ecossistema, conectando saberes ancestrais e perspectivas de futuro. A gravidade de sua queda, tanto simbólica quanto ecológica, exige respostas integradas que envolvam diretamente as comunidades extrativistas, articulando o monitoramento socioambiental, a construção e implementação de políticas públicas de mitigação e estratégias de enfrentamento aos impactos já vivenciados.



Foto: Acervo Ecoporé

Um fruto imaturo e malformado da castanheira.



Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, L. F.; et al. The effect of temperature increase on Brazil nut production in the Amazon. *Journal of Tropical Forest Science*, v. 35, n. 2, 2023.
- CONAFER. Mudança climática: elevação da temperatura na Amazônia reduz 8 vezes produção da castanha, mostra estudo. Confederação Nacional de Agricultores Familiares, 2024. Disponível em: <https://conafef.org.br/mudanca-climatica-elevacao-da-temperatura-na-amazonia-diminui-em-8-vezes-a-producao-da-castanha-mostra-estudo>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- EMBRAPA. Nota técnica: Impactos climáticos na safra 2024–2025 – Queda drástica na produção da castanha-da-amazônia e orientações para a cadeia produtiva. Portal Embrapa, 2024. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1174389/1/19319.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- EVANGELISTA-VALE, S. M.; et al. Climate change and its impacts on Brazil nut production in the Amazon: Evidence from protected areas. *Forest Ecology and Management*, v. 482, 2021.
- INMET. Boletim Climático Norte – Dados de precipitação histórica 2024. Instituto Nacional de Meteorologia, 2024.
- PASTANA, D. N.; et al. Influence of El Niño and drought events on the Brazil nut production cycle. *Agroforestry Systems*, v. 95, 2021.

REDES DE SEMENTES COMO ESTRATÉGIA DE JUSTIÇA CLIMÁTICA E INCLUSÃO SOCIOECONÔMICA

Aline Smychniuk
Semírian Amoêdo



Imagem fechada de sementes variadas, organizadas em camadas com cores e texturas distintas.

Foto: Acervo Ecoporé

A crise climática global não afeta todos os povos da mesma forma. Os impactos, as responsabilidades e as respostas variam drasticamente conforme a posição histórica, econômica, geográfica e cultural dos grupos sociais. A **justiça climática** surge justamente dessa constatação: se trata de um campo de reflexão e ação que compreende as mudanças climáticas como um problema **social** e **político**, profundamente enraizado em estruturas coloniais, econômicas e epistemológicas desiguais.

Entre os grupos mais vulneráveis às mudanças climáticas – e paradoxalmente, os mais preparados para enfrentá-las – estão os **povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e agricultores familiares**. Na região amazônica, esses povos têm se mostrado fundamentais na conservação florestal e na estabilidade climática planetária. Contudo, continuam a ser excluídos das políticas climáticas dominantes e frequentemente sofrem com a **imposição de soluções** que ignoram seus direitos, conhecimentos e modos de vida.

A Amazônia funciona como um **grande regulador do clima do planeta**. É uma das maiores reservas de carbono do mundo e abriga uma biodiversidade sem paralelo. A destruição acelerada dessa floresta – impulsionada por mineração, extração de madeira, agricultura extensiva e outras atividades de base extrativista – ameaça não apenas os ecossistemas locais, mas todo o equilíbrio climático do planeta.

Frente a esse cenário, os territórios ocupados por povos que vivem da floresta surgem como verdadeiras barreiras contra o avanço da degradação e como **espaços centrais para estratégias de restauração ecológica**. Essas áreas não apenas conservam mais carbono, mas também abrigam uma enorme diversidade cultural e biológica. A relevância desses povos na proteção da floresta está diretamente ligada a seus sistemas próprios de governança, ao uso sustentável dos recursos naturais e à resistência constante frente às pressões externas.



Foto: Acervo Ecoporé



Mão indígena sobre diversas sementes.

Nesse contexto, as **redes de sementes nativas** emergem como uma resposta concreta à **necessidade de restaurar os ecossistemas degradados**, ao mesmo tempo em que fortalecem a autonomia dos povos que tradicionalmente habitam e cuidam desses territórios. Elas articulam a necessidade de insumos e ações coletivas voltadas à regeneração da paisagem, à reparação das desigualdades socioambientais históricas.



Foto: Acervo Ecoporé

Sementes organizadas em sacos plásticos no interior de uma casa de madeira.



A **Rede de Sementes da Bioeconomia Amazônica (RESEBA)** é um exemplo emblemático desse modelo.

Idealizada em junho de 2021 como parte de uma necessidade identificada pela **Ecoporé**, durante suas atividades de restauração ecológica na Amazônia, começou com a criação de um banco de dados de sementes nativas e um sistema de coleta colaborativa com comunidades locais.

Em 2022, a RESEBA já havia adquirido 20 toneladas de sementes de 85 espécies, envolvendo mais de 80 coletores. **Em 2024, a RESEBA mobilizou cerca de 400 coletores e coletoras em suas atividades, dos quais 70% são mulheres e jovens**. Esse protagonismo feminino e juvenil evidencia como as redes atuam na promoção de equidade de gênero e na renovação geracional do cuidado com a floresta.

Nesse mesmo período, a **rede comercializou 45 toneladas de sementes nativas de 134 espécies diferentes, destinadas a projetos de restauração ecológica**. O resultado foi a geração de **R\$ 1,5 milhão** em renda direta para famílias e comunidades tradicionais, o que fortalece economias locais de base florestal e amplia a autonomia de territórios indígenas, quilombolas, ribeirinhos e agricultores familiares.

Além de atuar na **oferta de sementes com qualidade ecológica e rastreabilidade**, a RESEBA contribui para a consolidação de soluções baseadas na natureza, respondendo às **demandas urgentes de mitigação e adaptação** às mudanças climáticas. Sua atuação territorializada fortalece cadeias curtas, reduz emissões associadas à degradação ambiental e impulsiona modelos produtivos regenerativos.

Do ponto de vista da justiça climática, a RESEBA demonstra que **restaurar ecossistemas exige também restaurar relações sociais**. Ao valorizar os saberes ancestrais e gerar renda para comunidades tradicionais, a rede alia **conservação ecológica à inclusão social**. Isso evidencia que a recuperação ambiental só é efetiva quando caminha junto com a reparação de desigualdades históricas e o fortalecimento da autonomia de quem protege a floresta. Mais do que compensações econômicas, a justiça climática exige o **reconhecimento dos direitos territoriais** dos povos da floresta e o apoio às suas formas próprias de organização e cuidado com a natureza.

Em um cenário em que o Brasil se compromete com a restauração de **12 milhões de hectares até 2030** (Década da Restauração de Ecossistemas), com uma demanda prevista de cerca de **3,6 mil a 15,6 mil toneladas** de sementes nativas, investir em redes de sementes como a RESEBA é reconhecer que a justiça climática real se faz com protagonismo local, diversidade cultural e valorização dos povos que historicamente cuidam da floresta.



“A recuperação ambiental só é efetiva quando caminha junto com a reparação de desigualdades históricas e o fortalecimento da autonomia de quem protege a floresta”

Foto: Acervo Ecoporé



Mãos seguram sementes vermelhas dentro de saco branco, em destaque.





Foto: Acervo Ecoporé

Pessoas, ao ar livre, trabalham no carregamento de sacos grandes de sementes em uma caminhonete. Compra de sementes na aldeia Juari, Terra Indígena Karitiana.



Referências Bibliográficas

- OSBORNE, Tracey et al. Climate justice, forests, and Indigenous Peoples: toward an alternative to REDD+ for the Amazon. *Climatic Change*, v. 177, n. 128, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10584-024-03774-7>.
- SULTANA, Farhana. Critical climate justice. *The Geographical Journal*, v. 188, n. 1, p. 118-124, 2022a.
- RIGHTS AND RESOURCES INITIATIVE. A global baseline of carbon storage in collective lands. Washington, DC: RRI, 2018.
- DINERSTEIN, Eric et al. A "global safety net" to reverse biodiversity loss and stabilize Earth's climate. *Science Advances*, v. 6, n. 36, 2020. DOI:10.1126/sciadv.abb2824.
- ALIANÇA PELA RESTAURAÇÃO NA AMAZÔNIA. Bioeconomia da restauração na Amazônia. Capítulo 7: Treze empreendimentos narrados pela estrutura analítica da "Bioeconomia da Restauração na Amazônia Brasileira" (BRAM) – RESEBA: Rede de Sementes da Bioeconomia Amazônica. Brasília: The Nature Conservancy; PROiSE, 2024. p. 183-190. ISBN 978-65-985632-0-2. Disponível em: https://aliancaamazonia.org.br/wp-content/uploads/2025/01/Bioeconomia_da_restauracao.pdf
- <https://www.decadeonrestoration.org/pt-br>
- URZEDO, Danilo I. de; PIÑA-RODRIGUES, Fatima C. M.; FELTRAN-BARBIERI, Rafael; JUNQUEIRA, Rodrigo G. P.; FISHER, Robert. Seed networks for upscaling forest landscape restoration: Is it possible to expand native plant sources in Brazil? *Forests*, Basel, v. 11, n. 3, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/f11030259>.

PLANTANDO ÁGUA COLHENDO VIDA:

EXPERIÊNCIAS DO PROJETO TERRA E MATA

Romas Silva



Mulher segura maracujá em destaque, com folhas de bananeira ao fundo.

Foto: Acervo Ecoporé

Ao longo da **BR-429**, em **Rondônia**, o **Projeto Terra e Mata**, executado pela Ecoporé com o apoio financeiro do Fundo Socioambiental Caixa, um movimento transformador tem florescido nas propriedades de agricultores e agricultoras familiares de **oito municípios**.

Mulheres, homens e jovens, com idades entre **18 e 87 anos**, protagonizam uma verdadeira mudança de paradigmas no campo: **a preservação de nascentes e cursos d'água têm promovido segurança hídrica, bem como a produção de alimentos aliados à restauração de ecossistemas e transição agroecológica.**

São pessoas com histórias de vida marcadas pela relação íntima com a terra. Muitos chegaram como imigrantes em busca de um novo começo, outros herdaram as propriedades dos pais. Hoje, esses produtores e produtoras assumem o protagonismo no cuidado com as nascentes e cursos d'água, no manejo sustentável do solo e na produção de alimentos mais saudáveis.

RECUPERAR, PROTEGER E PRODUIR: AS TÉCNICAS QUE ESTÃO MUDANDO A PAISAGEM

O primeiro passo desse processo de transformação foi mobilizar as famílias para o **cadastramento dos beneficiários e a realização de diagnósticos nas áreas afetadas.**

Em seguida, se iniciou o isolamento das áreas degradadas, com o objetivo de interromper os ciclos de erosão e compactação do solo, causados principalmente pelo pisoteio de animais.

Livres da pressão da pecuária, as áreas começaram a receber o plantio de espécies florestais adaptadas à realidade local. O projeto não apenas forneceu material de isolamento e mudas, mas também orientou tecnicamente os produtores na escolha e no manejo adequado.

Ao todo, 539 beneficiários atendidos e mais de 300 hectares estão em processo de recuperação florestal, bem como 217 quintais produtivos foram implantados, promovendo a segurança alimentar e gerando renda. Técnicas que tem garantido a proteção dos recursos hídricos, a proteção do solo e o retorno de serviços ecossistêmicos fundamentais.

A agricultora **Viviane Amaral de Souza**, de Urupá, conta como o projeto marcou uma virada em sua vida:

“Esse projeto veio no momento de suma importância na propriedade. Foi quando eu assumi a autonomia e comecei a tirar a minha renda unicamente do que eu produzia no meu quintal produtivo. As mudas que adquiri através do projeto foram um investimento para aumentar ainda mais minha renda e fortalecer meu processo de transição para a agroecologia.”

JUVENTUDE RURAL: A NOVA GERAÇÃO QUE ESCOLHE FICAR NO CAMPO

O Projeto Terra e Mata tem sido também uma porta de entrada para o **protagonismo de jovens na agricultura familiar**. Apóia a formação e os fortalece como agentes restauradores. Eles não apenas ajudam a implementar as práticas nas propriedades de suas famílias, mas também se tornam referências locais, **conectando tradição e inovação.**

Wilians Santana, jovem agricultor de São Miguel do Guaporé, destaca esse impacto:

“O projeto é fundamental para nos ajudar a permanecer no campo. Hoje, temos um SAF (Sistema Agroflorestal) com café e várias espécies nativas e frutíferas que vão gerar retorno financeiro, além do quintal produtivo que já nos dá uma renda extra. Mais que isso, o projeto nos trouxe uma nova forma de pensar a agricultura: que é possível produzir com sustentabilidade, sem derrubar mais floresta.”

A integração da juventude tem fortalecido a sucessão rural e renova o olhar das famílias sobre suas terras e suas possibilidades.



Mulher de boné azul segura um cacho de bananas verdes, com uma plantação ao fundo.



Foto: Sueli Barbosa / Acervo Ecoporé

ÁGUA, FLORESTA E QUALIDADE DE VIDA: OS IMPACTOS VISÍVEIS

Além da transformação econômica, o impacto socioambiental do Projeto Terra e Mata já é visível na paisagem. Nascentes antes degradadas são recuperadas, o acesso à água melhorou e a biodiversidade começa a dar sinais de volta. **Rosiane**, beneficiária de São Francisco do Guaporé, reforça esse aspecto:

“Recuperamos uma área degradada às margens de um córrego que há anos sofria com o assoreamento. **Hoje vemos o retorno da vegetação e a melhoria na qualidade da água.** O projeto trouxe também aprendizado: sobre adubação, escolha de espécies e aproveitamento de sementes. Isso tem feito a diferença na nossa vida e na renda da nossa família.”

Essa transformação tem relação direta com a **resiliência climática e a segurança hídrica**, dois dos maiores desafios enfrentados atualmente pelas comunidades rurais da Amazônia.

UM LEGADO QUE VAI ALÉM DA RESTAURAÇÃO

O Projeto Terra e Mata mostra que restauração ambiental, segurança hídrica e geração de renda podem caminhar juntas. Mais do que plantar árvores, os agricultores e agricultoras estão plantando futuro, fortalecendo a agricultura familiar e demonstrando que a **agroecologia é um caminho viável e necessário para a Amazônia.**



Homem realiza inspeção manual em maracujá.

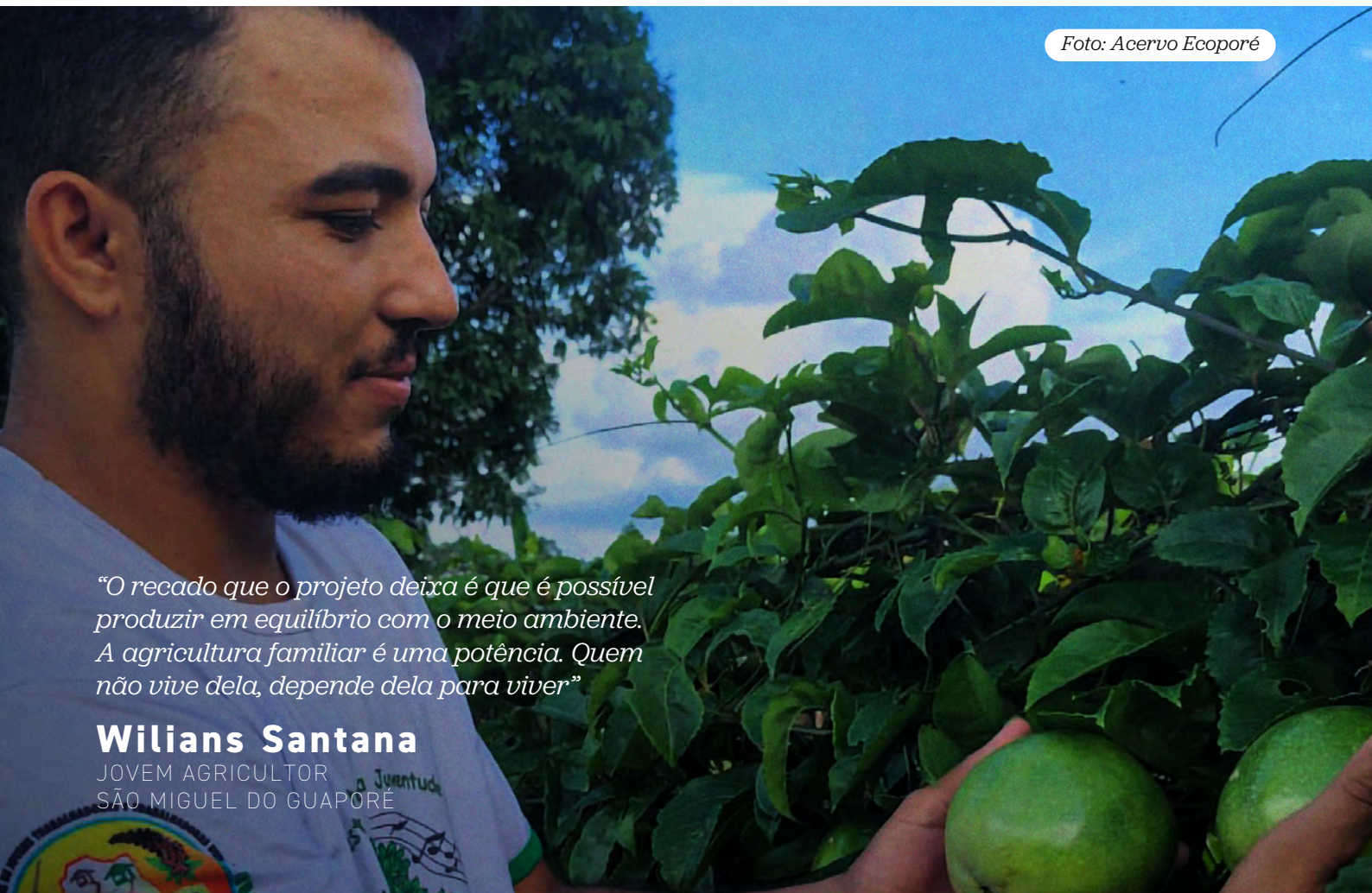


Foto: Acervo Ecoporé

“O recado que o projeto deixa é que é possível produzir em equilíbrio com o meio ambiente. A agricultura familiar é uma potência. Quem não vive dela, depende dela para viver”

Wilians Santana

JOVEM AGRICULTOR
SÃO MIGUEL DO GUAPORÉ



AUTONOMIA ENERGÉTICA

**E FONTES DE ENERGIAS RENOVÁVEIS EM PEQUENAS
PROPRIEDADES COM APOIO DO PROJETO
TERRA E MATA**

Flávio Santos



Plano fechado de um painel solar com gotas de água na superfície, refletindo a radiação direta da luz do sol.

Foto: Freepik

Autonomia é **sinônimo de independência, de liberdade**. No campo, mesmo que inconscientemente, há uma busca constante pela liberdade das agricultoras e agricultores (Bath, 1978). Essa liberdade pode ser interpretada como a capacidade de ter os meios necessários para produzir ao alcance das mãos (Ploeg, 2008; 2010); permitindo a construção do planejamento da propriedade e reduzindo a dependência de agentes externos à propriedade ou comunidade.

Autonomia, então é a capacidade das e dos agricultores de reproduzir e desenvolver sua **própria base de recursos**, isso inclui terra, água, animais, sementes, conhecimento, infraestruturas, equipamentos de trabalho e energia.

A energia é um dos **insumos basilares** para atendimento das necessidades humanas e um dos serviços que cada vez mais chegam às propriedades a partir de fontes externas. Além disso, o **gasto com combustíveis e energia elétrica tem um peso significativo nas despesas de uma propriedade agrícola**. Quando se pensa na redução dos custos de produção, melhoria da renda e atitudes que combatem as mudanças climáticas, a adoção de fontes de energia renováveis produzidas na própria propriedade são uma alternativa.

A definição das fontes alternativas vem da aptidão territorial e da disponibilidade de insumos. Em regiões onde os **cursos d'água** formam corredeiras era comum a utilização da força da água para tocar moinhos e gerar **energia elétrica**. Algumas fazendas brasileiras têm instalado usinas de produção de energia elétrica a partir da biomassa disponível. **Rondonia, devido sua latitude é privilegiada quanto a recepção de radiação solar, com capacidade de produzir energia elétrica fotovoltaica o ano todo, por que não utilizá-la?**

Essa é uma das propostas do Projeto Terra e Mata ao apoiar **25 propriedades beneficiadas** pelo projeto com a doação de kits de energia solar e implementação de um sistema de produção de energia renovável. Os ganhos promovidos pela utilização de **energias renováveis** para pequenas propriedades agrícolas são: redução dos custos da produção; segurança no abastecimento energético; integração a práticas agroecológicas e sistemas produtivos sustentáveis, e autonomia energética.

Frente à **crise climática global**, impulsionada pelas emissões de gases de efeito estufa provenientes principalmente da queima de **combustíveis fósseis**, a transição energética para fontes de energias renováveis torna-se uma **urgência ambiental e econômica**. Assim, o apoio à adoção de fontes de energias renováveis representa passos importantes para a transição, para a redução da dependência de fontes externas e para a mitigação das mudanças climáticas.

A **autonomia energética** em propriedades da agricultura familiar na Amazônia Rondoniense transcende a otimização de recursos e o aprimoramento da renda familiar. É um componente estratégico na solução de problemas

globais: as mudanças climáticas e a desigualdade social. Ao utilizar recursos sustentáveis como a irradiação solar, convertendo-a em **energia limpa**, a iniciativa no nível da propriedade contribui diretamente para a descarbonização da matriz energética e para a redução das emissões de gases de efeito estufa. Esse movimento, do local para o global, exemplifica como ações localizadas contribuem para uma **solução macro**.

Por fim, a iniciativa representa como ações locais podem criar **modelos mais resilientes e sustentáveis**, agrupando-se a outras ações já implementadas por essas e esses agricultores familiares na busca pela recuperação de serviços ecossistêmicos e de autonomia. O apoio ao fomento da autonomia energética através de fontes renováveis e de baixo impacto de instalação é um investimento importante no desenvolvimento rural, permitindo a redução de perdas econômicas em área cultivada e contribuindo para a **sustentabilidade do planeta**.

Imagem gerada por IA



Um painel solar em uma plantação de milho com curso d'água no solo.





Imagem gerada por IA

Homem no campo com painéis solares ao fundo.



Referências Bibliográficas

- BATH, SLICHER VAN. Over boerenvrijheid (inaugurele rede Groningen, 1948). In: BATH, B. H. SLICHER VAN; OSS, A. C. VAN. Geschiedenis van maatschappij en cultuur. Baarn: Basisboeken Ambo, 1978.
- PLOEG, JAN DOUWE VAN DER. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- _____. Entre a dependência e a autonomia: o papel do financiamento para a agricultura familiar. Agriculturas: Experiências em Agroecologia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 34-37, jul. 2010.

RECONECTANDO A AMAZÔNIA:

**O LEGADO DO PROJETO TERRA E MATA NA
FORMAÇÃO DE CORREDORES ECOLÓGICOS E
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE**

Paulo Bonavigo



Imagem aérea de um rio com mata ciliar em
São Miguel do Guaporé.

Foto: Paulo Bonavigo / Acervo Ecoporé

A Amazônia enfrenta desafios crescentes de desmatamento e fragmentação de habitats. Nesse cenário crítico, a restauração ecológica emerge não apenas como uma ferramenta de recuperação ambiental, mas como uma **estratégia vital** para a reconexão de paisagens e a salvaguarda da vida selvagem. Projetos inovadores, como o **Terra e Mata**, demonstram como a agricultura regenerativa e a recomposição florestal podem caminhar lado a lado com a formação de corredores ecológicos, gerando benefícios socioeconômicos e ambientais profundos.

PROJETO TERRA E MATA: REGENERAÇÃO E CONECTIVIDADE

O Projeto Terra e Mata representa um esforço abrangente para promover a agricultura regenerativa em propriedades da agricultura familiar na Amazônia. Seu objetivo geral é ambicioso e multifacetado: ir além da simples recomposição florestal de áreas sensíveis, buscando a implantação de sistemas produtivos sustentáveis. Isso se traduz em **inclusão socioprodutiva**, geração de renda para mulheres e jovens, sequestro de carbono, e, crucialmente, a formação de corredores ecológicos, associada à conservação da biodiversidade e à educação socioambiental.

Com abrangência nos **municípios do Eixo da BR 429** (Presidente Médici, Alvorada do Oeste, São Miguel do Guaporé, Seringueiras, São Francisco do Guaporé, Costa Marques) e também Urupá e Nova Brasilândia, o projeto atua em uma região de alta importância ecológica, onde a conectividade entre os fragmentos florestais é essencial para a **resiliência dos ecossistemas**.

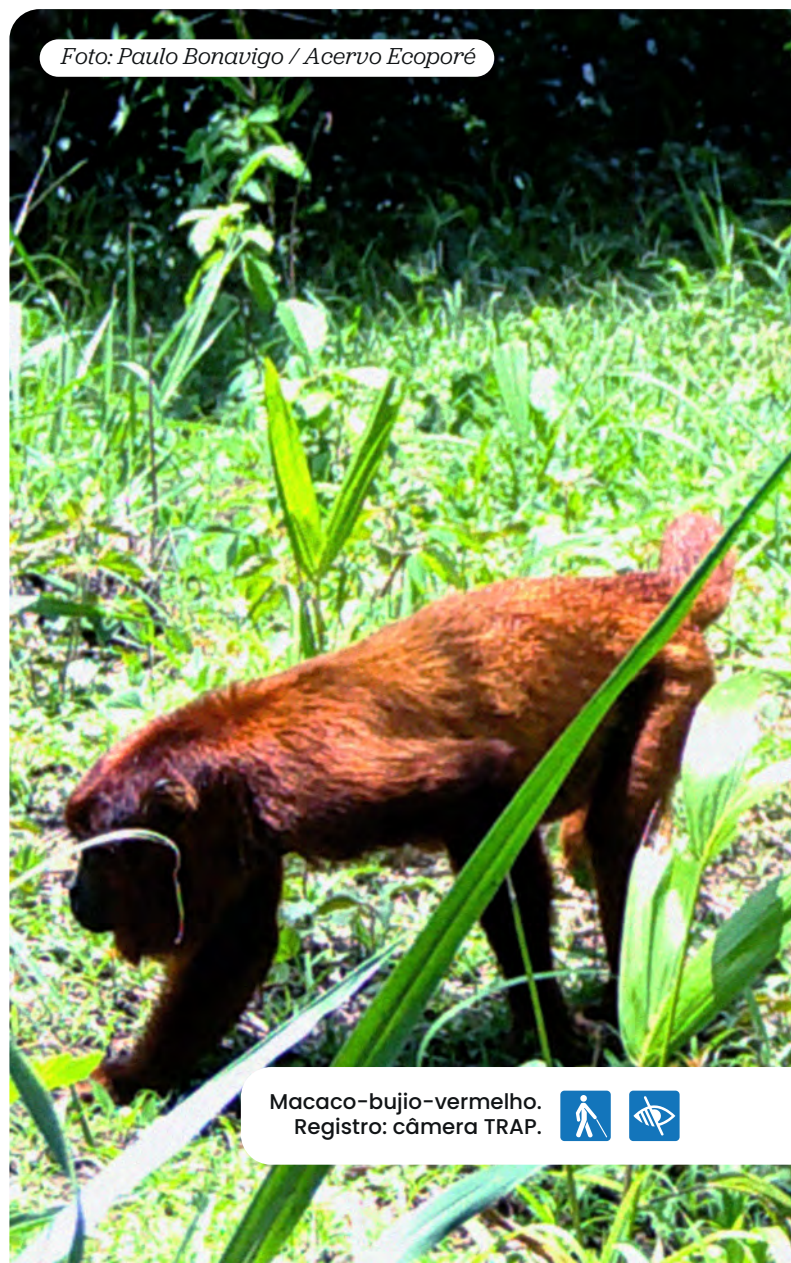


CORREDORES ECOLÓGICOS: TECENDO A MALHA DA VIDA NA PAISAGEM FRAGMENTADA

A **fragmentação de habitats** é uma das maiores ameaças à biodiversidade, isolando populações de espécies e dificultando seus movimentos para encontrar alimento, parceiros ou escapar de ameaças. É aqui que os corredores ecológicos assumem um **papel protagonista**. Conceituados como faixas de vegetação que conectam áreas de habitat natural isoladas, eles funcionam como pontes vitais, permitindo o **fluxo gênico e a dispersão de espécies**, essenciais para a manutenção da saúde e diversidade das populações (Forman, 1995; Bennett & Mulvaney, 2018).

O Projeto Terra e Mata, ao focar na **recomposição florestal em propriedades rurais e na proximidade com áreas florestadas**, alinha-se diretamente com o princípio de restauração para conectividade. As áreas identificadas para plantio, com critérios de elegibilidade que incluem o tamanho e a proximidade com remanescentes, visam explicitamente a formação desses corredores, transformando áreas degradadas em elos vitais para a vida amazônica.

Foto: Paulo Bonavigo / Acervo Ecoporé



Macaco-buio-vermelho.
Registro: câmera TRAP.



MONITORAMENTO PARTICIPATIVO DA BIODIVERSIDADE: AGRICULTORES COMO GUARDIÕES

Um dos pilares inovadores do Projeto Terra e Mata é a **abordagem do monitoramento da biodiversidade**. Busca-se monitorar a biodiversidade em 30 áreas plantadas e/ou remanescentes de vegetação com o engajamento direto dos agricultores beneficiários do projeto.

A metodologia de desenvolvimento dos estudos envolve diretamente os agricultores, que relatam através de seus conhecimentos, as espécies que encontram ou encontravam em suas propriedades. Com o uso de **armadilhas fotográficas**, instaladas nas áreas de restauração das propriedades rurais, acompanhamos o **retorno da fauna**, ou a passagem de animais utilizando as áreas plantadas como corredores. Todo o trabalho é realizado junto com o agricultor ou agricultora, tornando a metodologia participativa não apenas para a coleta de dados, mas empoderando as comunidades locais, transformando-as em parceiras ativas na conservação.

Esta abordagem fortalece a relação entre a **ciência e o conhecimento tradicional**, criando uma rede de monitoramento robusta e adaptada às realidades locais (Bonney et al., 2009).



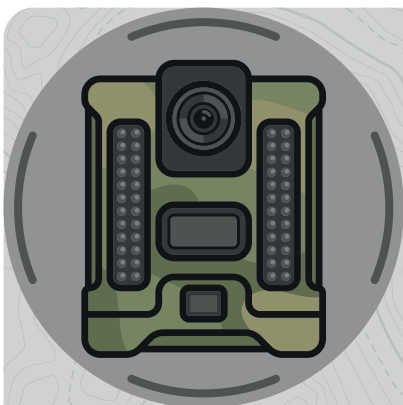
Foto: Paulo Bonavigo / Acervo Ecoporé

Mutum-cavalo.
Registro: câmera TRAP.



Resultados Encorajadores e a Promessa da Vida Selvagem

Os resultados preliminares do monitoramento são um testemunho do sucesso do projeto. Com o auxílio da plataforma **Wildlife Insights** para triagem, já foram processadas **45.142 imagens**, resultando na identificação de **40 espécies**. As armadilhas fotográficas, instaladas em **30 propriedades rurais**, revelaram a presença de espécies de grande relevância ecológica.



ESPÉCIES AMEAÇADAS REGISTRADAS

Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), **Macaco-bugio** (*Alouatta puruensis*), **Tatu-canastra** (*Priodontes maximus*) e **Anta** (*Tapirus terrestris*)

A presença dessas espécies endêmicas e em risco de extinção ressalta a **importância dos esforços de restauração e conectividade**.

OUTRAS ESPÉCIES IMPORTANTES

Onça-parda (*Puma concolor*), **Jaguar** (*Leopardus pardalis*), **Gato-mourisco** (*Herpailurus yagouaroundi*), **Irara** (*Eira barbara*), **Mutum-cavalo** (*Pauxi tuberosa*), **Macaco-zoque-zoque** (*Plecturocebus spp.*), **Tatu-galinha** (*Dasypus novemcinctus*), **Onça-pintada preta** (*Panthera onca*), **Mão-pelada** (*Procyon cancrivorus*), **Paca** (*Cuniculus paca*), **Cotia** (*Dasyprocta azarae*) e **Cachorro-do-mato** (*Cerdocyon thous*)

A **deteção de carnívoros** de topo, como a **onça-parda** e a **onça-pintada** (na sua forma melânica), é um indicador robusto da saúde do ecossistema e da disponibilidade de presas, evidenciando que os esforços de restauração estão, de fato, contribuindo para a recuperação da cadeia alimentar e da biodiversidade local (Laurance et al., 2012).

Notadamente, as principais espécies foram registradas em áreas próximas à fragmentos florestais maiores, ou até mesmo áreas protegidas. Outro detalhe importante para as espécies é a presença de corredores já estabelecidos, onde usam para o deslocamento.

Foto: Paulo Bonavito / Acervo Ecoporé

Onça-parda caminhando em uma área florestal.
Registro: câmera TRAP.



Serviços Essenciais da Natureza: Presente para Sua Vida!

Restaurar também a biodiversidade é uma forma de **melhorar o ambiente rural**, aumentando os “serviços” que ela nos traz. Muitos pássaros, lagartos, sapos, aranhas e até insetos, como joaninhas, são **predadores naturais** das pragas que atacam as plantações.



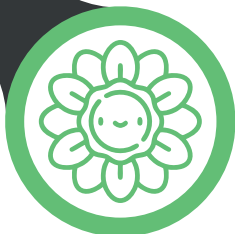
PREDÇÃO DE PRAGAS AGRÍCOLAS

Pássaros comem lagartas, sapos comem insetos, cobras ajudam a controlar roedores



POLINIZADORES

As abelhas e outros insetos levam o pólen de uma flor para outra, ajudando na formação dos frutos e sementes. Sem eles, teríamos menos frutas, menos castanhas, menos sementes



BELEZA E BEM-ESTAR

Além de tudo, ter uma natureza rica e viva ao redor traz alegria, beleza e paz para nossas vidas

Foto: Paulo Bonavito / Acervo Ecoporé

UM FUTURO CONECTADO E SUSTENTÁVEL

O Projeto Terra e Mata **transcende a ação pontual de plantar árvores**; ele semeia um futuro onde a produção rural e a conservação ambiental coexistem em harmonia. Ao integrar a agricultura familiar na criação de corredores ecológicos e no monitoramento da biodiversidade, o projeto não só reabilita paisagens, mas também fortalece as comunidades, tornando-as **protagonistas da proteção de seu patrimônio natural**.

A iniciativa é uma **esperança para a Amazônia**, mostrando que, com planejamento estratégico, ciência engajada e a valorização do conhecimento local, é possível reconectar o que foi fragmentado e garantir um **futuro mais verde e próspero** para a biodiversidade e para as pessoas.



“O Projeto Terra e Mata transcende a ação pontual de plantar árvores; ele semeia um futuro onde a produção rural e a conservação ambiental coexistem em harmonia”



Imagem aérea de corredor ecológico, ligando áreas de florestas à terra indígena Uru Eu Wau Wau.

Referências Bibliográficas

- Bennett, A. F., & Mulvaney, M. (2018). Ecological Connectivity and the Conservation of Biodiversity. CRC Press.
- Bonney, R., Cooper, C. B., Dickinson, J., Kelling, S., Phillips, T., Rosenberg, K. V., & Shirk, H. (2009). Citizen science: A new tool for conservation biology. *Frontiers in Ecology and the Environment*, 7(7), 362-367.
- Forman, R. T. T. (1995). *Land Mosaics: The Ecology of Landscapes and Regions*. Cambridge University Press.
- Laurance, W. F., Useche, D. C., Bruna, E. M., Linkie, M., Holland, M., McCormick, J., & Smith, K. (2012). Averting biodiversity collapse in the Amazon. *Nature*, 489(7415), 290-294.
- Society for Ecological Restoration (SER). (2004). *The SER International Primer on Ecological Restoration*. Society for Ecological Restoration.

UM RIO DE SABORES:

ECOPORÉ EXECUTA PROJETO INTERNACIONAL E LANÇA LIVRO QUE INTEGRA CIÊNCIA, CULTURA E CONHECIMENTO DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO MADEIRA

Joshua Lacerda



Imagem fechada com alimentos da culinária regional amazônica sobre uma mesa rústica.

Foto: Acervo Ecoporé

A Ecoporé lança a versão impressa do livro **Um Rio de Sabores**, publicação que nasce no coração das comunidades ribeirinhas do rio Madeira como parte das ações do projeto internacional **Forest Fisher**, executado pela própria organização. A obra valoriza **histórias, memórias e receitas de mulheres dos distritos de São Carlos, Cujubim, Jaci-Paraná e Vila Nova Teotônio**, reforçando a importância do conhecimento tradicional e da cultura alimentar no fortalecimento da bioeconomia amazônica.

As **mulheres protagonistas da obra** deixam de ocupar as margens e assumem o papel de autoras de seus próprios saberes. Durante a sessão de autógrafos, **Cláudia Lisboa**, moradora da Vila de Teotônio, destaca a emoção ao ver seu nome e sua receita eternizados:

*"Jamais pensei que estaria num livro. Ver minha foto, minha receita, meu nome ali... é como se dissesse: **eu existo, e o que eu faço tem valor.**"*

Foto: Acervo Ecoporé

O livro, lançado inicialmente em versão digital, ganha força no formato impresso ao **materializar memórias, reconhecer trajetórias e devolver às comunidades um retrato afetivo e respeitoso de suas vidas**.

CIÊNCIA E TRADIÇÃO LADO A LADO

A Ecoporé, responsável pela execução do Forest Fisher em Rondônia, desenvolve o projeto em parceria com o **Laboratório de Ictiologia e Pesca da UNIR (LIP-UNIR)** e instituições do **Brasil, Alemanha, França e Estados Unidos**. O projeto busca compreender as interações entre floresta e peixes frugívoros, essenciais à **manutenção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos**. A pesquisa integra ciência, conhecimento tradicional e participação comunitária para propor estratégias de conservação e restauração ecológica.

Além da Ecoporé e do **IRD (França)**, o projeto conta com as parcerias da **Universidade Técnica de Munique (TUM)**, **Universidade Federal do Amazonas**, **Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul**, **Instituto Politécnico de Bragança (IPB)** de Portugal, **UEMS**, **Universidade do Mississippi (EUA)**, **UNIR**, **UEM**, **UFG** e **CEMADEN**.

O Forest Fisher mantém também um **viveiro de mudas frutíferas** em uma escola no distrito de Cujubim, em Porto Velho. No local, são cultivadas espécies que alimentam os peixes e fortalecem a **biodiversidade aquática**, e contribui para práticas sustentáveis no território.



**EU EXISTO
E O QUE FAÇO
TEM VALOR**



Mistura de farinha, corante e sal, mexidos com uma colher.

Paulo Bonavigo, coordenador do projeto, afirma que o livro é mais que uma entrega técnica:

“Este livro foi nossa forma de apresentar os resultados do projeto não apenas em relatórios técnicos, mas em uma linguagem viva, sensível e acessível. Ele carrega a dimensão humana do Forest Fisher, revelando como os impactos ambientais afetam diretamente quem vive do rio.”

Carolina Doria, coordenadora do LIP-UNIR e uma das articuladoras do projeto, reforça a importância desse registro:

*“Foram mais de **15 anos** de trabalho com essas comunidades, principalmente em ações de monitoramento pesqueiro. Nesse caminho, percebemos a profundidade dos saberes que ali existem – não apenas sobre os peixes, mas sobre o território, a alimentação e a vida no rio. O livro surge da vontade de registrar isso com cuidado e devolver às pessoas um pouco do que sempre compartilharam conosco.”*



LIVRO COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E BIOECONOMIA

Um Rio de Sabores reúne mais de vinte receitas acompanhadas de histórias de vida, fotos e relatos das próprias cozinheiras. **Maria Silva**, participante da obra, reforça a importância desse registro:

“Quando aceitei o convite, não imaginei o quanto aquilo ia mexer comigo. A receita que coloco no livro é feita com o mesmo amor que tenho pelo rio. E quando vejo minha imagem impressa, sinto orgulho, sinto pertencimento.”

Felipe Lins, biólogo e um dos responsáveis pela redação da obra, destaca o diferencial da publicação:

*“Por muito tempo, a ciência coletou dados sem devolver nada às comunidades. Este projeto quis fazer diferente: escutar, registrar e devolver. Trazer as receitas, os relatos, os impactos percebidos. E mostrar que **o conhecimento tradicional é tão legítimo quanto o acadêmico**. Fazer isso no lugar onde cresci foi ainda mais especial.”*

A Ecoporé entrega mais do que um livro: devolve pertencimento, reconhecimento e visibilidade a essas mulheres que sustentam suas famílias com saberes ancestrais.



ARTE, IMAGENS E MEMÓRIAS

As imagens sensíveis captadas por Israel Vale registram gestos, olhares e rituais que revelam a profundidade dos saberes tradicionais. O designer e ilustrador **Erick Carreira**, da Ecoporé, cria toda a identidade visual da obra a partir dos símbolos que conectam natureza e cultura, para representar a circularidade da vida no rio.

“Desde o início, buscamos representar a circularidade da vida no rio. Tudo está conectado: o alimento, o sustento, o tempo do rio, o saber ancestral. E há uma música, do grupo Raízes Caboclas, que me guiou como trilha invisível. Ela diz: ‘Cada canto esconde um conto, cada homem e mulher tem a fé, a força e a história pra contar pra quem quiser’. Essa frase sintetiza o que é o livro: um canto cheio de contos.”, explica Erick.

Ana Paula Albuquerque, coordenadora editorial da obra, resume o sentimento da equipe:

*“Finalizar o livro foi como assumir um novo compromisso: o de **espalhar essas histórias**. Cada página carrega o som das águas do Madeira, o cheiro da cozinha, o peso das interferências humanas e, acima de tudo, o brilho dos olhos de quem compartilhou sua vida com a gente. Esse livro é um retrato de resistência, sim, mas também de afeto e generosidade.”*

EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

Durante o projeto, a Ecoporé realizou oficinas de educação ambiental nas escolas de São Carlos e Cujubim Grande, assim como debates sobre conservação e valorização dos rios e florestas. As atividades resultaram em cartas escritas pelos estudantes ao rio Madeira. Entre os registros, **Mirela Almeida Carril**, 16 anos, emociona ao afirmar:

*“Querido rio Madeira, escrevo esta carta com o coração apertado e lágrimas nos olhos. Eles só pensam em você pelo dinheiro. A construção da hidrelétrica foi um golpe cruel. **Você é um verdadeiro guerreiro.**”*



Foto: Acervo Ecoporé



Imagem aérea de um banco de terra sobre o rio Madeira em Vila Teotônio.



Foto: Acervo Ecoporé

Imagem de peixe assado numa bandeja, coberto com legumes e limões ao redor.



BIOECONOMIA COM ROSTO, CHEIRO E SABOR

Um Rio de Sabores reforça que a bioeconomia se constrói com respeito às tradições, com ciência que ouve e aprende, com saberes que atravessam gerações. A Ecoporé entrega às comunidades não apenas um livro, mas **um legado que celebra a resistência, a memória e o papel vital das mulheres na conservação dos territórios e na proteção dos rios e florestas.**

O livro está disponível gratuitamente na **biblioteca digital** da Ecoporé.

GUARDIÕES DA TERRA:

**POVOS INDÍGENAS LIDERAM A RESTAURAÇÃO
ECOLÓGICA NO BRASIL**

Neiriel Terena



Grupo de pessoas em área rural, aprendendo sobre biodiversidade e cultivo de plantas nativas locais.

Foto: Neiriel Terena

A voz dos povos indígenas ecoaram no encerramento da VI Conferência da Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica, a **SOBRE**, com um chamado para a **“restaurar ecossistemas e cabeças com sabedoria ancestral indígena”**.

O Primeiro **Encontro Indígena de Restauração Ecológica** (EIRE) marcou um passo importante para protagonismos e visibilidade que os povos originários vem realizando em prol da restauração em seus territórios. O EIRE reuniu experiências de vários biomas e de todas as regiões do país, para discutir e pensar protagonismos, desafios e avanços juntos e com os indígenas.

Dados do **MapBiomass** dos últimos anos mostram que as Terras Indígenas são cerca de **14%** do território brasileiro, aproximadamente **1%** de ecossistema degradado/modificado ou alterado são nessas áreas. Elas são as que menos contribuem para o avanço e agravamento das mudanças climáticas, porém as que mais sofrem diretamente com os efeitos severos e devastadores das mesmas. Para nós, povos indígenas, a degradação de ecossistemas não se restringe apenas em fatores ecológicos, quando se trata de degradação permeia vários mundos e universos um deles é o **espiritual e de mentes**.

Diante desse cenário, **o primeiro passo para restaurar a natureza é restaurar o espírito e a mente, pois não é possível cuidar, criar e disseminar técnicas se o espírito do ser humano não está sensível e restaurado**. Quando todo esse contexto é atingido de alguma maneira, processos como diálogo são estabelecidos e juntos constroem técnicas e experiência com aproximação de sábios dos territórios.



O povo **Terena** é conhecido pela literatura acadêmica como **exímios agricultores**, ou seja, aqueles que, ao longo de milhares de anos, possuem técnicas sofisticadas de conservação da mata aliada à produção. Nos últimos anos, vários fatores externos contribuíram para o adormecimento dessas práticas. No entanto, por meio de um processo autônomo de famílias indígenas, na **Terra Indígena Cachoeirinha**, localizada no estado de **Mato Grosso do Sul**, em uma região de transição entre dois

Foto: Acervo Ecopore



Jovem indígena imerso na vegetação verde.





Foto: Lia R. Domingues

Grupo de pessoas em pé no palco, com cartazes e telas em evental ambiental.



dois biomas o **Cerrado** e **Pantanal**, em mais de uma década famílias indígena do Povo Terena, tem buscado revitalizar técnicas tradicionais do povo de conservação da **mãe terra** aliada a produção de alimentos. Essa técnica de plantios de vegetação nativa junto a produção de alimento saudável é uma ferramenta de resgate de uma agricultura tradicional Terena, o que hoje as academias conhecem como **agrofloresta** ou **sistema agroflorestal**, no território é **agricultura ancestral**.

Nos últimos anos de atuação, o **Coletivo indígena** já desenvolveu diversos trabalhos de implementação de sistemas agroflorestais, hoje somam quase **30 hectares** de áreas restauradas de **Sistemas Agroflorestais** (SAFs) a partir de engajamentos comunitários, restauração do Ser e Saber Terena.

Um dos pilares para esse processo, é a formação de jovens na temática da **educação Etnoambiental**, uma

educação que busca aliar saberes dos sábios (anciões do território) sobre a mata e a ciência acadêmica para que as duas ciências possam se complementar na busca por respostas às crises que muitos territórios e o país vivem.

Se entende que os lugares de aprender não se restringem apenas à sala de aula convencional, as matas, roças, rios, nascentes, também são lugares de disseminação de saberes Terena. Com essa nova perspectiva de transmissão de saberes, as respostas que os povos indígenas possuem são concretas pois **aliam os saberes das matas e anciões desses povos** para uma solução local que reflete pro planeta.

Portanto, **é preciso reconhecer que os povos indígenas são grandes aliados para soluções de adversidades** que os mesmos não causam, sendo assim, diálogos com os mais diversos povos são premissas que devem ser consideradas e valorizadas.



Foto: Johny Terena



Pessoas em vegetação nativa durante atividade ambiental.

NEGÓCIOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE EM TERRAS INDÍGENAS:

Experiências concretas de bioeconomia na Amazônia

Adenilson Souza



Colares artesanais indígenas expostos sobre uma mesa rústica mostram uma variação de cores, texturas e tramas.

Foto: Acervo Ecoporé

A sociobiodiversidade representa o conjunto de relações entre sistemas sociais e ecológicos, onde o conhecimento tradicional e a biodiversidade se entrelaçam para criar formas sustentáveis de uso dos recursos naturais. Já a bioeconomia surge como um modelo econômico que valoriza esses recursos de maneira regenerativa, o que promove cadeias produtivas de baixo impacto ambiental. Na Amazônia brasileira, essas concepções ganham vida por meio de iniciativas que demonstram como é possível conciliar produção, conservação e valorização cultural em um verdadeiro laboratório de práticas sustentáveis.

Este potencial se materializa em negócios apoiados pelo Projeto Regenera, realizado pela Ecoporé com patrocínio da The Caring Family Foundation, que transformam a **relação entre economia e natureza** na região. Esses empreendimentos representam modelos econômicos completos, capazes de gerar renda significativa enquanto preservam ecossistemas e culturas. Eles desafiam a dicotomia tradicional entre desenvolvimento e conservação e demonstram que é possível construir prosperidade a partir da **floresta em pé**.

Na **Terra Indígena Sete de Setembro**, em Rondônia, o **Café Sarikab** exemplifica essa integração. Liderado por **Celesty Suruí**, o projeto opera em sistemas agroflorestais que combinam café, cacau e banana, produz anualmente **40 sacas** de café especial. Mais do que uma atividade econômica, se trata de um sistema alimentar completo que preserva sistemas agrícolas tradicionais enquanto gera renda para 14 membros familiares.

A poucos quilômetros dali, o **Mel Paiter**, conduzido pelo jovem **Oiyago Suruí**, mostra como a meliponicultura - prática da criação de **abelhas sem ferrão** - pode ser tanto fonte de sustento quanto ferramenta de conservação, com sua produção de **160 kg** de mel por safra contribuindo para a polinização da floresta.



Foto: Acervo Ecoporé



Apicultor, com traje de proteção, inspeciona uma comeia.



Foto: Acervo Ecoporé

Mulher artesã e sua avó ao lado esquerdo.



O artesanato da **Soe Arte**, sob a liderança de **Samilly Waled Suruí**, revela outra dimensão dessa economia sustentável. Com produção mensal de **500 peças** feitas de fibras naturais, o projeto transforma matérias-primas da floresta em produtos que carregam identidade cultural, trazendo sustento à família.

Já na **Terra Indígena Caititu**, no Amazonas, **Maria dos Anjos** juntamente com outras mulheres Apurinãs lideram a **produção de colorau**. Elas processam mensalmente **30 kg** do tempero usando métodos que preservam tanto a floresta quanto os conhecimentos transmitidos entre gerações.

O que torna esses casos particularmente relevantes é sua capacidade de traduzir conceitos como sociobiodiversidade e bioeconomia em práticas concretas. Eles demonstram que é possível criar sistemas produtivos que fortaleçam a autonomia, mantenham a floresta em pé e gerem **benefícios econômicos tangíveis**. Ao fazer isso, não apenas respondem a desafios locais de subsistência, mas também oferecem alternativas viáveis para **questões globais** como as **mudanças climáticas** e a **perda de biodiversidade**.

Essas experiências comprovam que o futuro da Amazônia pode encontrar nas comunidades indígenas parcelas fundamentais. Seus modelos de produção apontam caminhos para uma economia sustentável, onde valor econômico, conservação ambiental e preservação cultural não são objetivos concorrentes, mas facetas complementares de um mesmo sistema. À medida que o mundo busca transitar para modelos de desenvolvimento mais sustentáveis, essas iniciativas indígenas na Amazônia oferecem **lições valiosas** não como teorias abstratas, mas como realidades em pleno funcionamento.

CAÇA-PALAVRAS: SABERES DA TERRA

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA

INSTRUÇÕES: Encontre no diagrama abaixo as palavras relacionadas aos saberes tradicionais, à agroecologia e à conservação da Amazônia. As palavras estão escondidas na horizontal, vertical ou diagonal, e de trás para frente.

PALAVRAS PARA ENCONTRAR:

AGROFLORESTA	RESTAURAÇÃO	SEMENTES
PIQUIÁ	SABERES	MUTIRÃO
MANDIOCA	CASTANHEIRA	POVO
POLINIZAÇÃO	COMPOSTAGEM	FLORESTA

A	B	E	F	G	V	T	K	J	O	H	I	N
T	O	C	S	N	O	V	W	Ã	R	A	M	P
S	Ã	A	E	A	U	S	R	I	A	G	E	O
E	Ç	S	T	U	B	I	T	A	S	R	G	L
R	A	T	N	E	T	E	E	E	N	O	A	I
O	R	A	E	U	D	O	R	A	T	F	T	N
L	U	N	M	D	A	V	C	E	M	L	S	I
F	A	H	E	M	P	O	E	E	S	O	O	Z
U	T	E	S	K	I	P	U	T	N	R	P	A
B	S	I	E	D	Q	N	L	E	E	E	M	Ç
K	E	R	N	R	U	H	P	E	O	S	O	Ã
G	R	A	F	I	I	A	Y	D	M	T	C	O
X	M	R	Y	D	Á	H	W	E	M	A	X	U



PROJETO

TERRA E MATA



ecoporé

A **Ecoporé** faz parte da:



Parceiros:



Realização:



Apoio Financeiro:

